

ISABEL DE PINA BALEIRAS

UMA  
RAINHA  
INESPERADA

LEONOR  
TELES

TEMAS E DEBATES

## Sumário

PARTE 0 — EXÓRDIO	15
Introdução	17
Fernão Lopes, a verdade e a história	21
Preâmbulo	27
A linhagem de Leonor Teles	30
A família direta	32
A linhagem de Leonor Teles no seio da nobreza medieval e da Coroa	33
PARTE I — ANTES DE SER RAINHA	37
Capítulo 1. A lenda	39
Capítulo 2. O pai de Leonor em Castela	41
Capítulo 3. A amante do pai	43
Capítulo 4. O nascimento de Leonor Teles	48
Capítulo 5. Os pais e o nascimento de Fernando	50
Capítulo 6. O zelo da avó: a proteção a Fernando e a cautela com os netos Castro	53
Capítulo 7. A educação de Leonor Teles	59
Capítulo 8. A educação de Fernando	63
Capítulo 9. O primeiro casamento de Leonor Teles	66
Capítulo 10. O jovem rei e a sua época	68
Capítulo 11. O rei de Portugal reclama o trono de Castela	71
Capítulo 12. A primeira guerra fernandina e a primeira Leonor	73
Capítulo 13. As pazes de Alcoutim e a segunda Leonor	77
Capítulo 14. A terceira Leonor e o casamento <i>a furto</i>	79
Capítulo 15. A adenda a Alcoutim	84
Capítulo 16. O encontro em São Domingos e a revolta contra o casamento régio	86

Capítulo 17. O casamento de «pública forma» de Fernando e Leonor	88
Capítulo 18. Sobre a contestação ao casamento	95
Capítulo 19. O amor	99
PARTE II — RAINHA	103
Capítulo 1. Os primeiros tempos	105
1.1. O beija-mão à rainha e a rivalidade Castro-Teles	105
1.2. A segunda guerra fernandina e o nascimento da infanta D. Beatriz	108
1.3. O Tratado de Santarém e a aliança perpétua com a Inglaterra	111
Capítulo 2. O poder consorte de Leonor	114
2.1. O património das rainhas; o dote e as arras	114
2.2. A primeira doação a Leonor Teles	118
2.3. A carta de arras	118
2.4. As restantes três doações	120
2.5. A casa de Leonor	121
2.6. A chancelaria da rainha consorte	127
2.7. Fernando arruma o reino e interfere nas terras de Leonor	133
Capítulo 3. A filha Beatriz e a enteada Isabel	139
3.1. A educação da infanta D. Beatriz e o legado de Lisboa	139
3.2. A emancipação, as doações e a casa de Beatriz	141
3.3. Leonor e o primeiro casamento de Beatriz	145
3.4. O casamento de Isabel, a irmã ilegítima de Beatriz	150
Capítulo 4. O caso Maria Teles	153
4.1. Maria Teles: casamento e homicídio	153
4.2. Possível datação da trama de Maria Teles	161
4.3. A rainha foi culpada do assassinio da irmã?	163
Capítulo 5. O atentado ao rei	166
5.1. O testamento de Fernando e o banimento dos irmãos Castro	166
5.2. A doença	169
5.3. A omissão de Fernão Lopes	170

## SUMÁRIO

Capítulo 6. O poder político de Leonor	173
6.1. As doações régias a Leonor e a política de mercês do rei	173
6.2. A «clientela» da rainha	179
6.3. Os diplomas conjuntos de Fernando e Leonor	188
6.4. A intitulação	191
6.5. O poder político de Leonor cresceu a partir de 1378?	193
6.6. Por que razões se voltou com Leonor Teles ao hábito de a rainha assinar diplomas em conjunto com o rei?	194
Capítulo 7. Leonor e o segundo casamento de Beatriz	199
7.1. O Cisma do Ocidente e a nova aposta de Fernando	199
7.2. O segundo casamento de Beatriz	201
7.3. A presença de Leonor neste tratado de casamento	206
Capítulo 8. O amante de Leonor e os ingleses	209
8.1. Os ingleses e a terceira guerra fernandina	210
8.2. O terceiro casamento de Beatriz	215
8.3. O novo conde de Ourém	216
Capítulo 9. Intrigas na corte	218
9.1. A guerra e os três atos de Leonor	218
9.2. O véu	220
9.3. A prisão do Mestre de Avis e de Gonçalo Vasques de Azevedo	221
9.4. O anel e o fim da intriga	223
Capítulo 10. O final das guerras	226
10.1. A segunda gravidez de Leonor	226
10.2. O fim da guerra e o quarto casamento de Beatriz	227
Capítulo 11. Leonor e o último casamento de Beatriz	230
11.1. O quinto casamento da infanta: os tratados de Pinto e de Salvaterra de Magos	230
11.2. O poder da regência de Leonor	235
11.3. A reclamação do rei de Castela	237
11.4. A licença para casar	238
11.5. Casamento por palavras de presente	239
11.6. A viagem para Elvas-Badajoz	241
11.7. O casamento em Elvas	241
11.8. As festas e as bodas	243

11.9. Leonor, Fernando, João I de Castela e o seu casamento com Beatriz	247
Capítulo 12. O final do reinado	254
12.1. Os derradeiros atos do rei e o terceiro parto de Leonor	254
12.2. A morte e o sepulcro de Fernando	256
12.3. Os filhos e o reinado de Fernando e de Leonor	258
PARTE III — REGENTE	265
Capítulo 1. Reunião com os homens-bons de Lisboa	267
Capítulo 2. «Arraial, arraial por a rainha dona Beatriz de Portugal nossa senhora»	272
Capítulo 3. O assassínio de João Fernandes de Andeiro	276
Capítulo 4. O significado da morte de Andeiro	283
Capítulo 5. A morte do bispo de Lisboa e o perdão do Mestre	286
Capítulo 6. A chancelaria de Leonor em Lisboa	288
Capítulo 7. Leonor em Alenquer	290
Capítulo 8. O regedor do povo	294
Capítulo 9. A chancelaria de Leonor em Alenquer	299
Capítulo 10. Leonor em Santarém	301
Capítulo 11. A abdicação	305
Capítulo 12. Sobre a invasão do rei de Castela e a abdicação de Leonor	308
Capítulo 13. «A malícia bebe grande parte da sua peçonha»	311
Capítulo 14. O plano fatal	313
Capítulo 15. A chancelaria de Leonor em Santarém	317
Capítulo 16. Reflexão sobre a chancelaria da regência	318
Capítulo 17. As duas chancelarias de Leonor e a regência	322
PARTE IV — NO EXÍLIO	327
Capítulo 1. O Mosteiro de Santa Clara de Tordesilhas	329
Capítulo 2. O final de vida de Leonor segundo os cronistas Ayala e Zurita	331
Capítulo 3. A versão de Valhadolid e a sepultura da rainha	334
Capítulo 4. O Convento de la Merced Calzada em Valhadolid	338
Capítulo 5. A morte de Leonor	343
PARTE V — A IMAGEM DE LEONOR TELES	347
Capítulo 1. As aparências	349
Capítulo 2. As boas rainhas	350
Capítulo 3. As más rainhas	353

SUMÁRIO

Capítulo 4. A Leonor Teles de Fernão Lopes	357
4.1. Uma má rainha ou uma «maa molher»	357
4.2. Uma rainha má ou uma «maa molher»	358
4.3. Uma «molher mui emteira e de coração cavalleiroso»	359
Capítulo 5. Os discípulos da Leonor de Fernão Lopes	361
Capítulo 6. Os reparos ao cronista	376
Capítulo 7. Leonor Teles na historiografia espanhola moderna e contemporânea	382
Capítulo 8. Leonor Teles na historiografia atual	385
ANEXOS	391
Tabelas documentais	393
Quadro 1. Doações conjuntas de D. Fernando e de D. Leonor Teles	393
Quadro 2. Doações conjuntas de D. Fernando, de D. Leonor Teles e de D. Beatriz	395
Quadro 3. Divisão em períodos dos 28 diplomas conjuntos de D. Fernando e de D. Leonor Teles	396
Quadro 4. Divisão em períodos dos 15 diplomas conjuntos de D. Fernando, de D. Leonor Teles e de D. Beatriz	397
Quadro 5. Um selo de D. Leonor Teles	397
Quadro 6. Chancelaria da rainha consorte (1372-1383)	398
Quadro 7. Chancelaria da rainha regente (nov. 1383-jan. 1384)	399
Diplomas de D. Leonor Teles	403
Diplomas como rainha consorte	403
Procurações	414
Diplomas como regente, sem a sua assinatura	418
Itinerário provável da rainha, com incursões no do rei	424
Cronologia	435
Genealogias	447
Fontes e bibliografia	463
Índice remissivo	477

## *Introdução*

Perguntámo-nos muitas vezes se estaríamos a escrever a biografia de uma rainha ou de duas pessoas, no caso, a da rainha D. Leonor Teles e a do rei D. Fernando. Provavelmente, fizemos, de facto, um retrato, ou melhor, uma representação do que foi a vida dos dois. Como disse Georges Duby, «seria ineficaz separar a história da mulher da história do homem»<sup>1</sup>, porque se a condição de um se alterou, a do outro também, tanto mais que, na maioria dos casos, o homem e a mulher foram parceiros do mesmo barco, que era o casamento.

É certo que podíamos ter optado por outra via e contar somente a história de Leonor, com base, essencialmente, no que Fernão Lopes deixou escrito. Era tudo mais simples, mais escorreito e, quem sabe, mais atrativo. Contudo, ficaria uma imagem redutora e redundante da rainha, que não acrescentaria nada de novo ao que já foi dito. Efetivamente, do nosso ponto de vista, não corresponderia ao objetivo proposto pela coleção *Rainhas de Portugal*, que visa relatar não só o que já se sabe, como também o que de novo e pertinente se tem investigado sobre estas figuras. E isto porque a História, tal como a corte na Idade Média, é móvel, ou seja, não é uma ciência exata e adquirida, que não possa ser questionada e alterada.

Foi por estas razões que incluímos neste estudo, além das fontes cronísticas de Fernão Lopes e de Pero López de Ayala, não só o resultado da investigação que fizemos à chancelaria do rei D. Fernando e a diplomas avulsos sobre a rainha, como também uma reflexão sobre a vida do monarca, que foi o companheiro principal da vida de Leonor.

Não era fácil ignorar Fernando e o contexto internacional em que o seu reinado decorreu. Tornava-se difícil, por exemplo, explicar a contestação so-

---

<sup>1</sup> DUBY, 1988, p. 111.

cial ao casamento régio referida pelo cronista, sem perceber as revoltas que ocorreram na Europa e em Portugal, derivadas, entre outros fatores, da Guerra dos Cem Anos, das guerras fernandinas com Castela, das mortes, das destruições por elas causadas, dos maus anos agrícolas, das fomes, dos surtos de peste, da miséria, flagelos estes que assolaram os povos, sobretudo na segunda metade do século XIV.

Também o subcapítulo sobre a linhagem da rainha nos pareceu, à partida, maçudo. Expurgámo-lo por diversas vezes, mas resolvemos mantê-lo, por considerarmos que a ascendência genealógica de Leonor, nomeadamente as ligações às coroas de Castela e de Portugal e às principais famílias fidalgas, que os seus antepassados se esforçaram por desenvolver, foram importantes para Fernando justificar, em praça pública, por que casou com ela. Leonor, afinal, não era nenhuma megera, tinha sangue real como muitas infantas e a sua família tinha relações muito antigas com as principais casas nobres daquele tempo. Por outro lado, talvez as ligações de sangue que Leonor tinha com Castela e Portugal ajudem a melhor enquadrar todo o contexto sociopolítico que envolveu a diplomacia externa do reinado e a sua sucessão. E ainda porque considerámos que fazia sentido incluir na biografia de uma rainha a sua ascendência genealógica, já que é mais um elemento esclarecedor da figura retratada.

De igual modo, também a menção às reformas no reino levadas a cabo por Fernando entre a segunda e a terceira guerras fernandinas se justifica, se tivermos em conta, por exemplo, que a muralha em Lisboa foi construída numa altura em que a própria cidade se oferecera para custear parte da educação da filha herdeira de Leonor e de Fernando, a infanta Beatriz, recentemente nascida.

Há ainda que não esquecer que o contexto histórico em que Leonor viveu foi o do reinado do seu marido. Para percebermos o seu papel político, temos de conhecer as diversas ações governativas em que o rei se envolveu, porque foi no seio delas que a rainha se evidenciou. Referimo-nos, por exemplo, à política diplomática que tratou dos casamentos de Beatriz e da sucessão do trono, assuntos que implicaram sempre a participação de Leonor. E, mesmo na relação com a nobreza, a sua intervenção foi preponderante. Na realidade, a rainha ajudou não só a consolidar muitas das casas fidalgas e clericais daquele tempo, como representou para Fernando a sua companheira de governo, facto este que contribuiu para a distinguir entre os seus pares e a aproximar do monarca reinante. Desta maneira, a parceria entre os dois reforçava a posição da Coroa e a centralização do poder régio que Fernando tentou desenvolver.

Pedimos, pois, ao leitor que tenha alguma paciência, particularmente nas partes referidas acima e que possam parecer, numa primeira abordagem, técnicas e desviantes do objeto principal deste livro, que é o conhecimento possível e subjetivo da vida de Leonor Teles.

O leitor também há de sentir a páginas tantas que não somos imparciais em relação a Leonor e à relação dela com Fernando. A rainha foi ambiciosa e pode ter sido manipuladora, como a historiografia tradicional sustenta, mas o rei manteve o seu espaço de autoridade, mesmo nos domínios em que interferia com os interesses de Leonor. Além do mais, cremos que o casal foi mais parceiro do que inimigo, ou seja, foi cúmplice e conivente em muitas das decisões diplomáticas que tomou. O rei não andou «a reboque» do que pensava e desejava a rainha, como também tem dito a História ao longo dos tempos. Foi influenciado por ela, como pode acontecer com qualquer casal que vive junto e em relativa harmonia, mas não deixou de pensar pela sua cabeça. A necessidade de afirmar esta separação de personalidades e, depois, a sua comunhão de interesses justifica em parte a atenção que decidimos dar ao rei D. Fernando no livro que conta a história da sua mulher. Pese embora esta argumentação, admitimos que possamos ter sido parciais na defesa deste ponto de vista.

A escolha de estudar a figura de Leonor Teles é, já de si, subjetiva e pessoal. Sempre nos atraíram as mulheres belas e fatais e a rainha tinha, e tem, esse estereótipo colado a ela desde que Fernão Lopes existiu e a imortalizou. Por outro lado, como sublinhou Luís Miguel Duarte, são muitos anos a conviver com as figuras estudadas, o que traz proximidade e alguma complacência, sobretudo se a elas estiverem ligados alguns juízos injustos e nem sempre comprováveis<sup>1</sup>.

Este livro foi feito no espaço de sensivelmente dois anos, depois de uma investigação de três, para uma tese de mestrado sobre o papel político de Leonor Teles orientada pela Professora Doutora Manuela Santos Silva. A biografia atravessou, por isso, diversas épocas e diversas reflexões e humores.

O que hoje apresentamos é, pois, o resultado de todo este processo de pesquisa e de maturação. Como disse José Saramago numa entrevista televisiva no programa de José Rodrigues dos Santos sobre escritores levada a cabo aquando da publicação do seu último livro *Caím*, a linguagem é mais importante do que a história. Afirmção polémica, é certo, mas nós ficámos a pensar nela. E compreendemos o seu ponto de vista. O que cativa o leitor — julgamos nós que também somos leitores — é a maneira como a história é contada. Se o enredo for rico e interessante, melhor ainda, mas se a narração não for atrativa, o desinteresse e o desnorte apoderar-se-ão do leitor, por

---

<sup>1</sup> DUARTE, 2007, pp. 14-15.

mais empolgante que possa ser o conteúdo. É por esse motivo que uma mesma história, se for bem contada, pode lê-lo várias vezes, despertando sempre interesse nos ouvintes ou leitores que já a conhecem.

A dada altura, desejámos ser simples e claros no discurso e constatámos que não era tarefa leve, porventura só alcançável depois de feitas muitas reconstruções do processo narrativo. Não sabemos se o conseguimos. Provavelmente não, mas tentámos encontrar um ponto de equilíbrio entre o conhecimento e o prazer da leitura. O leitor julgará e dirá de sua justiça!

Relativamente à organização deste livro, procedemos assim: no exórdio, além da introdução (onde nos encontramos), incluímos um pequeno preâmbulo, uma abordagem à linhagem da nossa biografada e uma reflexão sobre as fontes utilizadas. O texto «Fernão Lopes, a verdade e a história» dá uma informação da vida do cronista, visto que é a partir dele que sabemos o que sabemos da vida da rainha. Por outro lado, alerta-nos para as circunstâncias históricas e políticas que rodearam a encomenda e o trabalho de Fernão Lopes. Entendemos também explicar o que era uma chancelaria régia, o processo de «limpeza» que sofreu a de D. Fernando e as consequências que as diversas depurações causaram na História e no conhecimento que temos hoje deste passado. Tudo isto porque as crónicas lopesianas e os diplomas de chancelaria foram as principais fontes do nosso estudo e o leitor deve ser avisado do contexto que envolveu a sua produção, de forma a melhor compreender o retrato que construímos de Leonor Teles.

A biografia propriamente dita divide-se em cinco partes: na primeira, falamos da vida de Leonor Teles antes de ser rainha; na segunda, contamos a sua história enquanto rainha consorte; na terceira, tratamos da sua regência; na quarta, abordamos o seu exílio; na quinta, refletimos sobre a imagem da monarca na historiografia e na literatura ao longo dos tempos.

No término, o leitor encontrará os anexos. Remetemos para esta parte algumas tabelas documentais (relativas aos diplomas que registaram a participação da rainha no governo de seu marido, aos seus selos e à chancelaria produzida enquanto consorte e depois como regente); o itinerário provável de Leonor, com incursões no de Fernando; a cronologia; as genealogias. As fontes e a bibliografia informarão o leitor dos caminhos que percorremos.

As transcrições que fizemos ao longo do livro sofreram, de um modo geral, adaptações linguísticas, de modo a tornar mais fácil e agradável a sua compreensão. Resolvemos, igualmente, denominar em português os nomes das pessoas e das terras estrangeiras, porque pensámos tornar assim a leitura mais fluente.

## *Fernão Lopes, a verdade e a história*

As crónicas de Fernão Lopes sobre D. Fernando e D. João I (primeira parte) constituem a fonte do nosso conhecimento sobre a vida de Leonor Teles. Quanto à participação da rainha no reinado de D. Fernando e na regência, é possível encontrar outras fontes, como os diplomas da chancelaria do rei (serviço responsável pela elaboração dos documentos régios) ou outros ligados aos mosteiros com os quais ela se relacionou.

Por ora, debrucemo-nos sobre o cronista e conheçamos um pouco da sua vida e obra na pequena cronologia que se segue:

1380. Nascimento provável de Fernão Lopes, no seio de uma família de camponeses ou de mesterais, em Lisboa.

1418. Data apontada para o início da sua carreira de guarda-mor da Torre do Tombo. Simultaneamente, foi escrivão de D. João I e do infante D. Duarte.

1419. Por ordem do infante D. Duarte, começou a escrever a *Crónica dos sete primeiros reis de Portugal*<sup>1</sup>. Parece ter iniciado, também, as crónicas sobre D. Pedro e D. Fernando e as duas partes da crónica sobre D. João I.

1422. Exercício do cargo de escrivão de puridade (espécie de secretário dos assuntos particulares) do infante D. Fernando.

1434. D. Duarte, agora já rei, oficializou o trabalho de Fernão Lopes, que o deve ter iniciado em 1419. Numa carta de 19 de março de 1434, o monarca encarregou-o de «pôr em crónica as histórias dos reis que antigamente em Portugal foram, isso mesmo os grandes feitos e altos do mui virtuoso e de grandes virtudes el-rei meu senhor e padre, cuja alma Deus ha-

---

<sup>1</sup> A autoria desta crónica permanece desconhecida, embora alguns historiadores a atribuam a Fernão Lopes.

ja»<sup>1</sup>. Em troca deste trabalho, o escritor recebeu uma tença de 14 000 reais anuais. Parece ter-lhe sido, igualmente, passada uma carta de nobreza, usando ele, a partir desta altura, o título de «vassalo de el-rei»; redação da *Crónica de D. Pedro I*.

1437. Início da elaboração da *Crónica de D. Fernando*, cuja redação terá terminado em 1443<sup>2</sup>.

1439. O regente D. Pedro confirmou-lhe a tença concedida por D. Duarte, que falecera no ano anterior.

1443. Final da redação da *Crónica de D. Fernando*; final da redação da *Crónica de D. João, Primeira Parte*.

1449. D. Afonso V aumentou a tença anual do cronista para 20 000 reais anuais.

Final da redação da *Crónica de D. João I, segunda parte*<sup>3</sup>.

1454. Foi substituído no cargo de «guardador das escrituras do Tombo» por Gomes Eanes de Zurara, devido à idade avançada e a um estado de saúde mais debilitado.

1460. Data provável da sua morte.

As fontes utilizadas pelo cronista parece terem sido:

— crónicas de Pero López de Ayala;

— *Crónica do condestabre*, anónima; redigida possivelmente entre 1431 e 1436;

— crónica latina sobre o reinado de D. João I, que Fernão Lopes atribuiu ao Doutor Christophorus;

— a crónica de Martim Afonso de Melo, mencionada pelo próprio Lopes, no capítulo 47 da *Crónica de D. Fernando*;

— *Livro de linhagens do conde D. Pedro*.

«A obra de Ayala serviu como fonte para cinquenta e cinco capítulos da “Crónica de D. Fernando”, e a “Crónica de Don Juan I” foi aproveitada em setenta capítulos da “Crónica de D. João I”. A utilização da “Crónica do condestabre” como fonte é quase total; apenas oito capítulos não são utilizados por Lopes.»<sup>4</sup> As fontes narrativas dominaram a pesquisa de Fernão Lopes e a consulta das fontes documentais ocorreu, de forma pontual, somente para completar o relato<sup>5</sup>.

<sup>1</sup> Cit. por SARAIVA, 1981, p. 5.

<sup>2</sup> DUARTE, 2002, pp. 17 e 21.

<sup>3</sup> DUARTE, 2002, p. 21.

<sup>4</sup> SOUSA, 2004, p. 7.

<sup>5</sup> MONTEIRO, 1988, p. 88.